



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## **A DISSOCIAÇÃO ENTRE GEOGRAFIA FÍSICA E GEOGRAFIA HUMANA NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA ADOTADO NO CETEP (CENTRO TERRITORIAL DE EDUCAÇÃO DO SERTÃO PRODUTIVO)**

Ana Valéria Ferreira da Silva  
(UESB)

Danilo Figueiredo dos Santos  
(UESB)

Jeanete Teixeira<sup>264</sup>  
(UESB)

### **RESUMO**

A Geografia enquanto ciência permite o conhecimento da totalidade, mas tem sido uma problemática desde os seus primórdios a separação por parte de alguns geógrafos dessa ciência, com isso constrói-se um conhecimento geográfico fragmentado. É nesse sentido que se desenvolve essa pesquisa científica, que se fundamentará em uma pesquisa documental e bibliográfica, sendo utilizados como objeto de análise um dos livros didáticos da coleção Fronteiras da Globalização dos autores Lúcia Marina e Tércio (2010) adotados no CETEP no ano de 2012. A pesquisa tem como objetivo analisar a dicotomia entre as duas ramificações das ciências geográficas no livro didático de Geografia. Após a análise a principal conclusão do estudo foi que o livro apresenta a parte humana quase sempre dissociada da física, com poucas relações entre ambas, dando prioridade principalmente a abordagem humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia. Livro didático. Ensino de Geografia.

---

<sup>264</sup>Graduandos em Geografia e Bolsistas do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) pela Universidade do Estado da Bahia-Campus VI. Todos orientados pelo prof. Glauber Barros no Grupo de Pesquisa: GEPEGEO. E-mails: valeria\_piloes@hotmail.com; danilofsantos18@hotmail.com; Jeaneteixeira73@hotmail.com



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## INTRODUÇÃO

A Geografia enquanto ciência permite a compreensão do espaço geográfico como um todo, em que nele interagem os elementos naturais e os elementos humanos. Partindo desse pressuposto não se torna possível compreender a totalidade do espaço geográfico e suas dinâmicas isolando apenas uma das vertentes dessa área do saber.

Ao trabalhar apenas com a Geografia física, mais especificamente com a temática ambiental, por exemplo, o geógrafo ao não considerar a interação do homem com o meio estudado teria um trabalho restrito, visto que ao desprezar a relação do homem com o meio, ele perderia o papel que dá peculiaridade a esse profissional, perdendo inclusive espaço para outras ciências. Já que, cabe ao geógrafo relacionar o espaço com os diversos sujeitos que neles interagem.

Nesse sentido, assim como no trabalho de pesquisa em Geografia, no ensino dessa disciplina também não deve ser apresentados os conteúdos da área física separados do espaço humano, ou sem nenhuma relação entre si, tendo em vista que ao fazer isso o educando pode ter uma visão fragmentada do espaço em que está inserido.

Ainda com relação ao ensino cabe aqui fazer uma análise do livro didático quanto a essa temática, visto que este é uma ferramenta pedagógica bastante utilizada em sala de aula, bem como por vezes a única fonte de conhecimento do aluno disponível.

Nesse sentido, buscando compreender a dissociação entre a Geografia física e Geografia humana é que se desenvolverá essa pesquisa científica, que se fundamentará em uma pesquisa documental e bibliográfica, sendo utilizados como objeto de análise os livros didáticos de Geografia adotados no CETEP.

Partindo de leituras e revisões bibliográficas buscou-se um embasamento teórico em autores como: Costa (2011) Lopes (2009), Marx (1989) Santos (2006).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Deve ser mencionado ainda que o documento analisado no período de pesquisa foi o livro didático *O mundo natural e o espaço humanizado*, pertencente à coleção de três volumes *Fronteiras da Globalização* dos autores Lúcia Marina e Tércio (2010). Vale mencionar ainda que, foi escolhido este em virtude dele ser o material didático adotado no CETEP no ano de 2012, período em que se deu início esse estudo.

É bom salientar que essa pesquisa terá como método a Dialética, tendo em vista que como enfatiza Severino (2007) esse paradigma considera a reciprocidade sujeito objeto com uma construção social que vai se formando ao longo do tempo histórico. Assim, ao analisar o livro didático partindo dessa vertente metodológica não se levará em consideração apenas o livro didático, como também o contexto social e as relações de poder que ele está inserido.

A relação homem natureza sempre foi alvo de inúmeras discussões dentro do cenário científico, permeando, portanto o meio acadêmico. Renomados filósofos e teóricos das mais diversas áreas de conhecimento buscou conceituar natureza e inserir dentro dela o homem, sendo que por vezes considerado como agente externo e por outras como mais um ser constituinte deste meio.

Esta diferenciação irá se pautar em que tipo de abordagem está se utilizando para conceituar a natureza, considerando a variação que existe dentro das ciências naturais e as ciências humanas sendo que a primeira se utiliza de métodos de análise que distancia o homem da natureza, e a segunda busca trazer o homem como parte desta natureza, onde dali busca seus meios de sobrevivência e altera dentro de suas necessidades este espaço. Assim, o homem é considerado também natureza.

[...] a natureza se humaniza e o homem se naturaliza, estando a forma historicamente determinada em cada situação. Nesse nível, a troca material é uma relação do valor de uso e, desse modo, a natureza entra em relação com os seres humanos. O fato de o homem viver da natureza tem um sentido biológico, mas, principalmente social. (BERNARDES e FERREIRA, 2003, p.19).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Há neste discurso uma análise partindo da totalidade, sem desconsiderar nenhum elemento que faz parte daquilo que se está observando. É neste sentido que se encontra na Geografia a busca pela análise do espaço a partir desta totalidade, já que o as relações sociais, bem como a natureza são objetos de análise desta ciência. Assim, a natureza tem de ser analisada considerando seus aspectos físicos e humanos dentro de uma unicidade.

Para tal debate, deve-se buscar no processo de desenvolvimento do homem e de sua consciência para que se compreenda de fato de onde se inicia esta separação, pois esta é fruto de um longo processo que se altera a medida que o homem toma consciência de si e também de suas forças, percebendo que pode tirar da natureza muito mais do que aquilo que ela oferece. Segundo Costa (2011), é quando o homem se fixa em um determinado território e abandona o nomadismo é que uma nova fase da relação homem-natureza se inicia.

Nesta perspectiva, Santos (2006, p. 85) também afirma que,

A primeira presença do homem é um fator novo na diversificação da natureza, pois ela atribui às coisas um valor, acrescentando ao processo de mudança um dado social. Num primeiro momento, ainda não dotado de próteses que aumentem seu poder transformador e sua mobilidade, o homem é criador, mas subordinado. Depois, as invenções técnicas vão aumentando o poder de intervenção e a autonomia relativa do homem, ao mesmo tempo em que se vai ampliando a parte da "diversificação da natureza" socialmente construída.

Partindo desta afirmação de Santos, para uma interpretação do pensamento de Karl Mark, constata-se que com o trabalho o homem modifica a natureza e, sendo ele também natureza torna-se produto de seu trabalho.

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. (MARX, 1989. p. 202)

Coadunando com o pensamento de Marx, Costa (2011) vem dizer que esta dicotomia entre homem-natureza é uma implicação da ascensão do capitalismo que transforma a natureza em uma possibilidade de geradora de lucros e riquezas, onde necessita dominar para consumir. Assim, a natureza perde sua essência e o homem deixa de se ver quanto natureza. Há para Marx uma mercadologização da natureza pelo homem, elevando-o, portanto, a mercadoria.

Justamente por se apresentar como uma implicação da ideia de que transformar a natureza ou interagir acaba sendo dominar, e por não compreender como se relacionar com a natureza de forma equilibrada é que o ser humano a expropria. As relações são baseadas na expropriação pela apropriação privada. (COSTA, 2011. p. 26)

Ainda para Costa (2011, p.26), “o paradigma cartesiano rompe com a práxis e essa ruptura dicotomiza elementos uníssonos, [...] que ao serem separados geram bases para a dominação e a alienação de que o capitalismo necessita para se estabelecer.”

Nesta perspectiva parte para analisar esta dicotomia dentro das áreas do conhecimento onde se estabelecem uma divisão entre Ciências Humana e Ciências da Natureza, desconsiderando completamente a unicidade de ambas. Dentro desta separação a Geografia se insere, estabelecendo duas abordagens e perspectivas de análise do espaço geográfico.

A educação no Brasil foi instituída de forma tardia e só começou a se desenvolver de forma institucionalizada a partir da vinda da família real para o Brasil em 1808. Desde então, deu início a produção dos primeiros manuais de ensino. No campo da Geografia é possível destacar que esses livros didáticos sempre acompanharam o contexto histórico em que estavam relacionados,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

seguindo a evolução do pensamento Geográfico e também deixando claro, no decorrer de suas páginas a apologia ao estado dominante por meio de uma ideologia patriótica.

Nesse sentido, é bom destacar, o primeiro manual didático de Geografia, elaborado pelo professor Delgado de Carvalho *Geographia do Brasil - Tomo II*, que como primeiro livro didático de Geografia a ser publicado serviu como material didático para os alunos da escola D. Pedro II em 1927, período em que só a elite tinha acesso a educação. Assim Delgado influenciado principalmente pela geografia descritiva francesa, preocupou-se principalmente em esclarecer o conceito de região natural, abordando uma Geografia extremamente descritiva.

É bom destacar também a obra didática de Aroldo de Azevedo, *Geografia do Brasil* que teve uma grande utilização pelo sistema educacional brasileiro, sendo que o seu livro didático é considerado conteúdista, continuando a difundir ao longo de suas páginas uma ideologia dominante além de promover ao longo de sua obra a separação entre o meio natural e o humano, apresentando-os de maneiras dissociadas, privilegiando sempre a abordagem econômica, baseada em uma visão positivista como é destacado por Lopes:

Baseado no paradigma “A Terra e o Homem”, a obra em destaque apresenta o quadro físico (relevo, clima, hidrografia, vegetação) e, depois, coloca nessa base o homem (visto essencialmente como habitante, morador e consumidor) e pela economia (onde há igualmente uma sequência predefinida), ligada a uma evolução temporal dos elementos: primeiro o meio rural, o extrativismo e a agropecuária e, finalmente, a atividade industrial. Baseado no paradigma “A Terra e o Homem”, a obra em destaque apresenta o quadro físico (relevo, clima, hidrografia, vegetação) e, depois, coloca nessa base o homem (visto essencialmente como habitante, morador e consumidor) e pela economia (onde há igualmente uma sequência predefinida), ligada a uma evolução temporal dos elementos: primeiro o meio rural, o extrativismo e a agropecuária e, finalmente, a atividade industrial. (2009, p. 74)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Nesse aspecto, acompanhando a evolução do contexto histórico brasileiro nota-se a partir de 1960 um período de autoritarismo e mudanças, no que concerne a Geografia e a produção do livro didático, primeiro ocorre à junção da Geografia com a História e posteriormente o que incide de produção didática irá acompanhar esses moldes, sendo que essas produções irão passar por longa censura até chegar às escolas.

Assim, a partir de 1970 e 1980 acompanhando o período de democratização no Brasil irá emergir a Geografia crítica, privilegiando em sua teoria o estudo das contradições sócias.

Dessa forma, é necessário destacar a produção do livro de Geografia Crítica o espaço social e o espaço brasileiro – 2006 de José W. Vesentini e Vânia Vlach que vêm com uma proposta de renovação da abordagem da Geografia tradicional enfatizando nos livros didáticos de até então, com o objetivo de produzir no educando a cidadania, além de fazer uma relação entre o meio ambiente e o homem como é salientado por Lopes:

Preocupados em fazer com que os alunos compreendam as relações sociedade-espaço, relatam que o papel da Geografia no sistema escolar atual é o de integrar o educando ao meio, ajudando-o a conhecer o mundo em que vive. Portanto, trata-se de um ensino voltado para o desenvolvimento da cidadania. (2009, p. 102)

Nesse sentido torna-se importante que os livros didáticos apresentem conteúdos com a interação entre o homem e a natureza, enfatizando que a produção do espaço geográfico se dá de forma conjunta. Já que ao falar somente dos conteúdos relacionados ao meio físico, por exemplo, o livro didático com isso torna-se descritivo e não proporciona ao leitor a visão de totalidade que é uma característica tão importante do geógrafo.

Assim mesmo com carências, o livro didático veio se tornando um importante instrumento para a formação da sociedade, ainda que alguns manuais



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

se apresentem com ideologias e estereótipos, além disso, ele pode proporcionar um diálogo maior aqueles que se encontra em um âmbito escolar, pois sabemos que através deste a comunicação, os discursos, linguagens e as relações interpessoais são mais concretizados.

Para o desenvolvimento desse estudo foi utilizado como base o volume 1 da coleção de três livros Fronteiras da globalização dos autores Lúcia Maria Alves de Almeida e Tércio Barboza Rigolin publicada no ano de 2010. Assim, o livro analisado: O mundo natural e, o espaço humanizado discorre sobre a ciência geográfica como um todo, sendo enfatizado a sua evolução, localização geográfica, tempo e representação. Além de abordar o espaço natural mundial, espaço humanizado e por fim a questão ambiental.

Aos autores ambos possuem uma vasta formação acadêmica em Geografia e com ampla experiência profissional no ensino fundamental e médio na rede pública e particular do Estado de São Paulo.

O livro “O mundo natural e o espaço humanizado” traz logo na capa uma imagem representando o ambiente natural, mas não apresenta nessa figura a presença do homem. Com isso, vê-se nessa primeira abordagem do livro não foi feito uma relação homem-meio.

O sumário por sua vez apresenta a primeira unidade relatando sobre a evolução das ciências geográficas e os seus principais conceitos, posteriormente é dedicada uma unidade sobre o espaço geográfico: localização, tempo e representação. As unidades a seguir são destinadas ao espaço natural.

Logo após, há uma discursão sobre o espaço humanizado, sendo enfatizados os conflitos presentes no território. Por fim, é apresentada uma discussão sobre a questão ambiental. Dessa forma, no sumário não ocorre uma comunicação entre as duas vertentes das ciências geográficas. Então esse diálogo deveria vir de acordo com a apresentação dos conteúdos e não somente ao final do livro, como é demonstrado na última unidade do livro.





ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Cabe destacar outro ponto importante nesse manual: as imagens que são um ótimo recurso para a abstração do saber pelos educandos. Em algumas imagens dispostas no livro, o autor faz uma relação da Geografia física com a humana, sendo falado no capítulo que se situa a imagem sobre falhas tectônicas, e mostra também a partir da imagem como se dá a ocupação em uma falha.

Mas ao longo das demais imagens do livro a relação entre as duas vertentes das ciências geográficas não prossegue, sobretudo nos capítulos condizentes a Geografia Humana. É notória também, no livro a presença de mapas tanto condizentes ao meio natural, quanto humano, entretanto percebe-se que é dada prioridade as representações espaciais relacionadas ao meio natural, além de gráficos e tabelas, esses são recursos importantíssimos para abstração dos conteúdos e para a construção do conhecimento cartográfico, que é tão importante para o aluno.

Vale salientar que o autor utiliza ao final de cada capítulo referências geográficas conceituadas como Antônio Carlos R. de Moraes, Nestor Kacher. Além de textos jornalísticos, sugestões de filmes e sites para pesquisa.

O texto é adequado ao público que se propõe, uma vez que alunos do primeiro ano do ensino médio já são capazes de fazer as reflexões propostas no livro. Além disso, as sugestões ao final de cada capítulo possibilitam aos discentes fazer novas pesquisas, saber de novos posicionamentos e a partir daí construir o saber geográfico.

Por fim, é possível afirmar que durante a obra é feita pouca relação entre o meio natural e o humano sendo realizada no final do livro uma discursão sobre a questão ambiental abordando temáticas como poluição do ar, erosão e contaminação dos solos. Contudo, no restante do livro é apresentando o ambiente físico quase sempre dissociado do humano, e nas unidades dedicadas ao conhecimento social o mesmo ocorre, não sendo mencionado o meio físico,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

fazendo poucas relações, permitindo ao discente a partir do estudo desse livro construir um saber geográfico fragmentado com a perda da totalidade.

## **CONCLUSÕES**

Diante do embasamento teórico e da análise realizada no livro didático, pudemos chegar a algumas conclusões no que diz respeito a separação entre a Geografia física e humana. Primeiramente, os assuntos relacionados a Geografia física aparecem primeiro, e logo após os conteúdos condizentes ao meio social, nota-se que é dada nesse manual ênfase ao estudo do humano é além disso, é feita pouca relação entre o meio natural e o social. Mesmo sendo dedicada ao final da obra uma unidade sobre a questão ambiental, acredita-se que essa discursão deveria vir concomitantemente à apresentação dos conteúdos e com isso possibilitaria fazer a relação entre o homem e a natureza e não somente ao final do livro.

Portanto, essa separação entre as duas vertentes da ciência geográfica possibilita ao educando a construção de um conhecimento fragmentado, impossibilitando a noção da totalidade, que é tão importante no estudo da Geografia. Além disso, como o livro didático é o meio mais utilizado em sala de aula, quando esse apresenta a geografia de uma forma dissociada ou mesmo quando é dada ênfase a uma só área o discente pode direcionar-se para o estudo de uma só ramificação da Geografia, desconsiderando o estudo do outro, a exemplo disso pode ser citado os livros didáticos que desconsideram ou dão pouca atenção ao estudo do meio natural.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lúcia Marina Alves de; RIGOLIN, Tércio Barbosa. **Fronteiras da Globalização: O mundo natural e o espaço humanizado**. São Paulo: Ática, 2010.
- COSTA, Glauber Barros Alvós. **A dimensão socioambiental da educação do campo em Vitória da Conquista - BA**. São Cristóvão, 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2008.
- BERNARDES, J. A.; FERREIRA, F. P. de. Sociedade e natureza. In: GUERRA, A. José Teixeira, CUNHA, Sandra Baptista da. **A questão ambiental: diferentes abordagens**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- LOPES, Lucineide Fábila Rodrigues. **A região nordeste nos livros didáticos de Geografia: uma análise histórica**. João Pessoa, 2009.
- MARX, Karl. O Capital. Volume 1 - Parte III. 1989. Processo de Trabalho e Processo de Produção de Mais valia. In: <http://www.marxists.org>, acessado em 25 de Fevereiro de 2013.
- NUNES, J. O. R. *et al.* A influência dos métodos científicos na Geografia Física. In: **Terra Livre** - Ano 22, v. 2, n. 27. Presidente Prudente Jul-Dez/2006. 119-130.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez 2007.